

RESUMOS

Um Naufrágio Oportuno. O Caso do Barco Japonês nas Costas de Macau em 1685

Em 1640, os portugueses, comerciantes e missionários, foram expulsos de forma particularmente violenta do Japão. As atrocidades praticadas sobre os membros da embaixada que, num último acto diplomático, tentaram reerguer o lucrativo comércio com o Japão, grande produtor de prata e consumidor insaciável da seda chinesa, constituíram mensagens claras quanto ao futuro de mercadores lusos e missionários que rumassem a terras nipónicas. A definitiva quebra da rota seda-prata, associada aos acontecimentos político-militares que iam tendo lugar no território chinês em consequência da queda da dinastia Ming, condicionaram a vida da comunidade no porto luso no Sul da China na segunda metade do século XVII. Quando, em 1685, um barco japonês deu às costas de Macau geraram-se grandes expectativas quanto à possibilidade de reabertura daquela rota marítima, caso devolvessem os naufragos à sua terra-mãe. O projecto envolveu toda a comunidade, gerando um sentimento de esperança, com grande empenhamento psicológico e religioso, reflectindo o desejo de ultrapassar as dificuldades económicas que o porto luso estava a sofrer. Contudo, apesar de bem estudada a referida devolução, as autoridades nipónicas continuaram irredutíveis na inclusão dos portugueses como seus parceiros comerciais. No contacto havido, os representantes de Macau puderam constatar a entrada e saída de navios holandeses do porto de Nagasáqui, europeus que tinham definitivamente substituído os mercadores portugueses no trato da prata japonesa.
[Autor: Anabela Nunes Monteiro, pp. 6-20]

Entre as Muralhas Linguísticas e o Terceiro Espaço: A Identidade dos Jurubaças e o Seu Papel nas Negociações Luso-Chinesas Após o Ataque dos Holandeses em 1622

A tradição linguística de Macau constitui um vestígio da rede comercial lusófona que se estendeu de Lisboa a Goa, Macau

e Nagasáqui. Os antecessores dos modernos intérpretes de chinês-português de Macau foram os *jurubaças*. Recorrendo à “Teoria do Terceiro Espaço”, de Homi Bhabha, que posiciona o desenvolvimento do hibridismo cultural em zonas de contacto, a fim de teorizar a respeito da identidade dos *jurubaças*, a par de documentos como a *Certidão autêntica de António Lobo e Simão Coelho, Línguas da Cidade e de Miguel Pinto e o Regimento da Língua da Cidade e dos Jurubaças menores e Escrivaens*, este artigo analisa o contexto cultural e o papel dos *jurubaças* durante o início do século XVII após o ataque dos holandeses de 1622. Macau possui uma história jurídica única no que se refere às conquistas portuguesas no Extremo Oriente, exemplificada por um grupo especial de intérpretes cujos deveres e funções se encontravam codificados num Regimento. Através de uma abordagem cultural, linguística, económica e social ao estudo do papel dos *jurubaças* em Macau e no Extremo Oriente (1524-1699) e analisando de perto os recursos primários disponíveis, este artigo contribui não apenas para a reduzida, mas importante, literatura sobre os intérpretes em Macau, como também para a crescente literatura académica sobre o hibridismo cultural nos inícios do mundo moderno.
[Autor: Mario Gómez Valadez, pp. 21-35]

Origens da Comunidade Macaense de Xangai

A cidade de Xangai foi um dos primeiros destinos da emigração dos macaenses. A partir de 1842, ano de início da diáspora macaense, um crescente número de habitantes de Macau trocou a velha cidade governada pelas autoridades portuguesas desde meados do século XVI, pela nascente cidade de Hong Kong, uma ilha chinesa que se transformou numa colónia britânica na sequência da I Guerra do Ópio. Depois de Hong Kong, a emigração macaense encontrou um novo destino: Xangai. Seguindo os trilhos da expansão político-militar e comercial britânica e da integração da China nas regras do comércio internacional, os macaenses começaram a instalar-se nos espaços ocupados pelas

concessões estrangeiras. A informação disponível indica o ano que testemunha o início deste novo fluxo migratório: 1850. Porquê Xangai? Porque abandonaram os macaenses a sua cidade de origem? Que motivações os conduziram na procura de “novos” espaços para viver? Interrogações que provocam/incitam a olhares mais abrangentes, nomeadamente os que nos tentam desvendar se a emigração dos macaenses se integra na mesma lógica da “diáspora chinesa” ou se é uma parte, de algum modo esquecida, da longa tradição migratória portuguesa.
[Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 36-49]

Para uma História das Questões de Saúde em Macau no Século XIX: Doenças, Epidemias, Médicos e Doentes

Com um sistema higiénico deficitário, a par das causas naturais ou acidentais, a Macau de finais do século XIX registava elevadas taxas de mortalidade. As epidemias, as mais comuns das quais eram a peste, a cólera e a varíola, havendo também algumas de meningite, eram a grande causa da mortalidade. A peste, quase endémica, aparecia mais na estação quente, sendo um dos principais males até 1915. A cólera costumava aparecer também todos os anos, passando muitas vezes por gastroenterites fulminantes. A varíola surgiu várias vezes, mas a vacinação intensa acabou por a fazer desaparecer. As epidemias afectavam mais os chineses, por causa das deficientes condições de higiene; os europeus eram mais resistentes e dispunham de maiores recursos. Assim ia a cidade em termos de saúde pública no limiar do século XX, no cenário traçado pelas autoras, que propõem pistas e fontes para um estudo mais aprofundado da história da saúde de Macau.
[Autoras: Maria Antónia Espadinha e Leonor Diaz de Seabra, pp. 50-61]

City of Broken Promises Enquanto Romance Histórico

O romance histórico e *Bildungsroman* feminino *City of Broken Promises*, do escritor-diplomata inglês Austin Coates ficcionaliza o processo de formação de uma

RESUMOS

das maiores benfeitoras de Macau, a órfã chinesa Marta da Silva Van Mierop. Tendo herdado a fortuna de Thomas Kuyck Van Mierop, torna-se a mulher mais rica de Macau no final do século XVIII. A(s) imagem(ns) de cariz realista de Macau presentes em *CBP*, bem como na literatura inglesa em geral, aproximam-se de referentes extratextuais que o leitor informado reconhece como específicos desse espaço histórico, como se revela através da análise da documentação da East India Company (1600-1793) e de vários relatos de viagem. *CBP*, sendo a primeira narrativa ficcional inglesa a “ocupar-se” de Macau, assume-se como um romance inovador ao representar a estada dos sobrecargas britânicos em Macau entre os intervalos das *trading seasons* de Cantão. O estudo desta última temática, bem como das características do romance histórico, permite-nos, assim, contextualizar a representação realista da cidade, que se assume como um espaço histórico e simbólico da convivência secular de lusos, chineses e britânicos no Extremo Oriente.

[Autor: Rogério Miguel Puga pp. 62-80]

A Coroa Portuguesa e o Brasil. A Cultura do Tabaco, a Ásia e o Comércio de Escravos Africanos, o Atlântico e a Economia Global de c. 1674 a 1776

Este ensaio examina a história do monopólio da Coroa Portuguesa e o comércio de uma mercadoria americana, o tabaco brasileiro, as mercadorias afro-asiáticas no Atlântico e a Economia Global entre c. de 1674 e 1776. Analisa a importância desta instituição no funcionamento do império português na América (Brasil), África (Moçambique, em particular), Ásia, o Estado da Índia, as relações comerciais, as movimentações deste monopólio e o uso das mercadorias afro-asiáticas na interligação do tráfico de escravos africano de e com as economias dos mundos do Oceano Atlântico e do Oceano Índico e o desabrochar da Moderna Economia Global. Na verdade, este monopólio facultava um fascinante estudo da globalização no despontar da história do mundo

moderno. Fora das necessidades económicas políticas, a Coroa Portuguesa controlou as mercadorias do Novo Mundo talhando um monopólio que garantiu receitas para as suas necessidades metropolitanas e imperiais. Ao garantir compradores e consumidores na Europa, África, América e Ásia que pagavam pelo prazer não só de fumar como de cheirar tabaco, a Coroa reduziu as dívidas e gerou receitas que não teria encontrado em nenhum outro lugar.

[Autor: George Bryan de Souza, pp. 81-94]

A China na Cartografia Histórica Portuguesa e Espanhola (Séculos XVI e XVII)

A cartografia constituía uma estratégia de poder e de representação cultural durante os primeiros tempos do encontro entre o Oriente e o Ocidente. Nos séculos XVI e XVII, Portugal e Espanha rivalizavam na actividade marítima e comercial. Mapas maravilhosamente desenhados com informações sobre as últimas “descobertas”, produzidos por cartógrafos profissionais, eram apresentados aos reis e príncipes, ao passo que os exploradores assinalavam as novas descobertas em duplicados daqueles mapas que levavam nas suas viagens de exploração. As novas descobertas eram então apresentadas à corte e às chancelarias para a actualização das informações cartográficas. A cartografia histórica era um eco da era cultural e também das relações de poder sobre as quais se fundamentava. Os dois reinos possuíam perspectivas distintas sobre o Oriente. Este artigo analisa as duas perspectivas tal como eram representadas nos mapas produzidos pelos cartógrafos portugueses e espanhóis.

[Autor: Belinda Cheong Pek Wan, pp. 95-110]

Reflexões Sobre a Vida em Macau de Robert Morrison e os Seus Trabalhos Literários: Para Uma Abordagem Contextualizada

São bem conhecidas as contribuições do Dr. Robert Morrison para que a China e os Chineses fossem conhecidos no Ocidente, a sua tradução da Bíblia e os seus conhecimentos linguísticos que lhe permitiram elaborar os primeiros dicionários e gramáticas de Inglês-Chinês

durante os 27 anos que viveu na China. Não são, pois, de estranhar afirmações como as que se encontram na lápide do seu túmulo: “O Dr. Morrison abriu o caminho aos estudos ocidentais sobre a China” e “ao longo de vários anos trabalhou sozinho numa versão chinesa das Sagradas Escrituras”. No entanto, não é o Dr. Morrison o primeiro missionário Protestante a iniciar a tradução da Bíblia como não é a ele que se deve a sua primeira edição. Este artigo procura igualmente examinar a proximidade da edição chinesa da Bíblia da responsabilidade de Morrison e Milne (1823) dos textos Católicos bem como o recurso a dicionários anteriores, especialmente dos produzidos por missionários Católicos. Não questionando a decisiva contribuição do Dr. Morrison, para um *corpus* de conhecimentos sobre a China em Inglês, salienta-se a necessidade de uma perspectiva mais global, enquadrando historicamente os estudos missionários, o que não é frequente na extensa literatura biográfica, histórica e missiológica apesar de alguns esforços da historiografia para colocar a história da missão Cristã fora de uma estrita história religiosa.

[Autor: Tereza Sena, pp. 111-130]